

Sem conhecer o direito de ser humano

Morando debaixo de uma ponte a 10km do Planalto, uma adolescente mãe de dois filhos diz que o plano é uma "bobagem"

Alexandre Botão
Da equipe do Correio

Tem gente que nem sonha que exista um Plano Nacional de Direitos Humanos. Muita gente. A adolescente Fabiana, de 15 anos, pobre, negra, com poucos dentes na boca e mãe de dois filhos, por exemplo, não sabia sequer dizer o que são direitos humanos. Que dirá um plano para isso.

Ontem, enquanto o presidente Fernando Henrique anunciava o plano no Palácio do Planalto, a dez quilômetros dali Fabiana e um grupo de sete famílias esquentavam a cabeça com um anúncio, para eles, muito mais importante: o do governo do Distrito Federal que deu um ultimato para que deixem os barracos onde moram, construídos debaixo de uma ponte.

O prazo para as famílias desmontarem os barracos instalados sob a Ponte do Braghetto, na Asa Norte de Brasília, expirava exatamente ontem: "Veio uma mulher do GDF na sexta-feira, dizendo para a gente sair. E que se a gente não saísse eles iam trazer a polícia hoje (ontem)", contou Fabiana, que chegou em Brasília há três meses, não tinha onde dormir e levou sua família para morar com uma amiga em um improvisado barraco de 1,5 metro de largura por 3 metros de comprimento.

Ela, é claro, não sabia do lançamento do Plano Nacional de Direitos Humanos, mas de qualquer forma não acredita que isso vá mudar sua situação: "É uma bobagem", limitou-se a dizer.

RATOS MORTOS

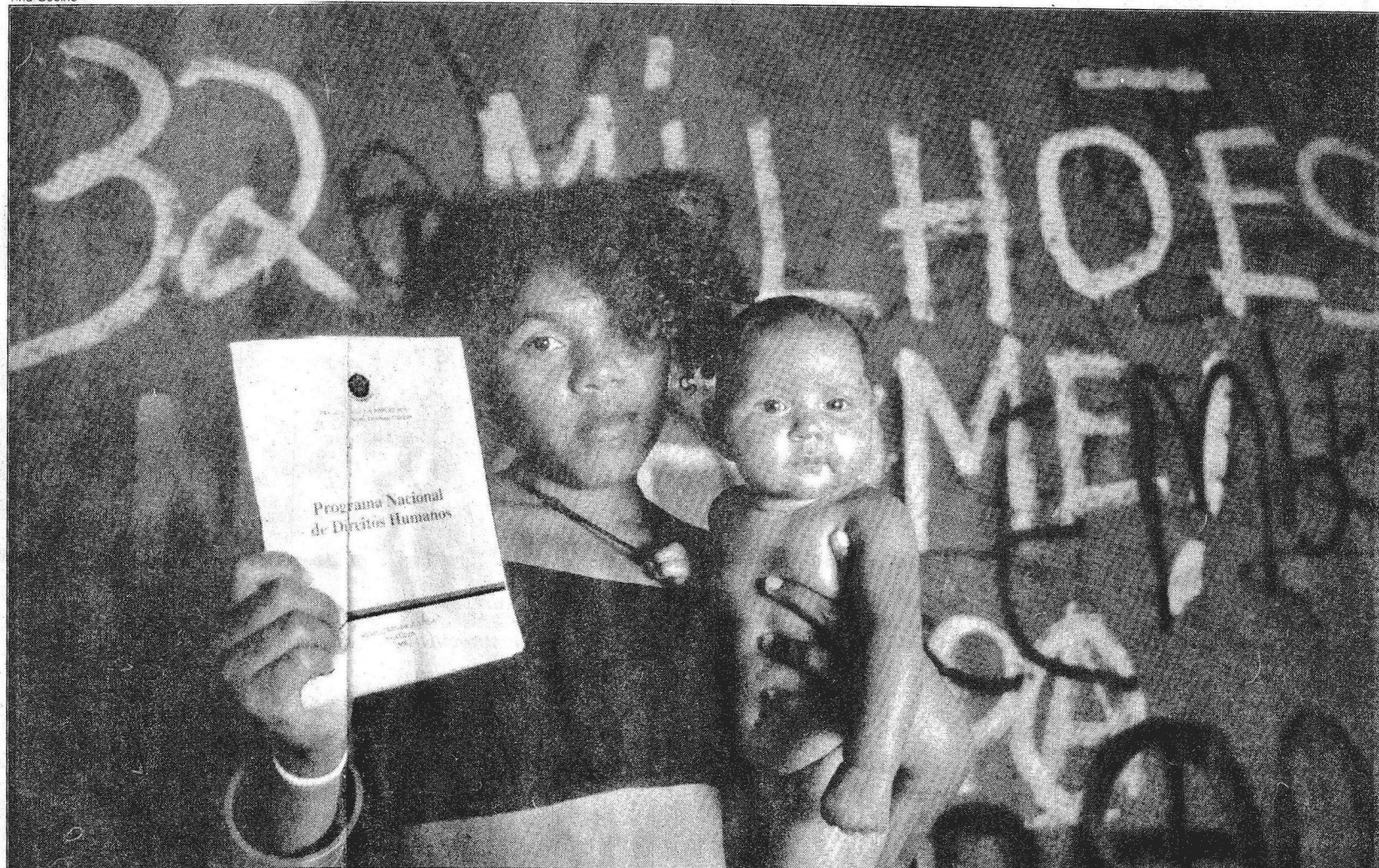
Mesmo sem saber, Fabiana é o público-alvo do plano de Fernando Henrique em pelo menos três tópicos diferentes: como adolescente, deveria estar na escola e não trabalhando para ajudar a sustentar a família; como negra, não poderia sofrer discriminação e como mulher não deveria sofrer violência doméstica ou sexual. O *Correio* levou à garota o Plano Nacional de Direitos Humanos. Ela tomou conhecimento destes três itens e ri.

"Ninguém aqui está na escola", admitiu Fabiana, apontando para um grupo de oito meninos e meninas que disputavam o direito de brincar com um velocípede e uma boneca. Metade das crianças que moram na Ponte do Braghetto estão em idade escolar, mas nunca foram a uma escola na vida. E um terço delas trabalha para ajudar os pais.

São dessas crianças que o Plano de Direitos Humanos pretende cuidar, entre outras coisas. "Propor alterações na legislação penal e incentivar ações com o objetivo de eliminar o trabalho infantil, punindo a prática de sua exploração", diz um dos itens do plano, relacionado entre as medidas a serem adotadas "a curto prazo".

A dez quilômetros de distância do Palácio do Planalto, as crianças pedem "um trocadinho", lavam roupa no Lago Paranoá e, nas horas de lazer, brincam com uma boneca e um velocípede em um gramado coberto de alimentos podres e alguns ratos mortos. Devem ficar lá mais um dia. Até às 19 horas de ontem a polícia não tinha sido chamada para remover as famílias do local.

Tina Coelho



Fabiana, 15 anos e dois filhos: no dia do plano, preocupada com o ultimato dado pelo governo para que deixe o barraco debaixo da Ponte do Braghetto